# A ÁRVORE DA MEMÓRIA

ELLEN F. WOORTMANN
Universidade de Brasília

Este trabalho tem o significado simbólico de uma dívida. Ele é uma reanálise de dados de minha tese de Doutorado, orientada por Roque de Barros Laraia. Dele recebi, como aluna e orientanda, seu apoio e sua dedicação. Através de suas aulas, o *Leibmotiv* do parentesco se tornou o *Leitmotiv* de minha produção acadêmica. Sei que estou infringindo as regras da reciprocidade, pois a contraprestação que aqui lhe apresento é modesta, face à dádiva que dele recebi. Mas sei também que seu espírito de generosidade compreenderá meu intento.

Proponho-me, neste artigo, analisar algumas das categorias simbólicas através das quais os colonos teuto-brasileiros das "colônias antigas" do Rio Grande do Sul pensam o parentesco e constroem sua memória. São as chamadas *Colônias Mães*, onde ainda são retidas categorias classificatórias que estão sendo perdidas em outras colônias, ao longo do tempo.

Essas colônias foram fundadas por imigrantes alemães aportados no Brasil mormente entre 1824 e 1832, na região do vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. A partir de um processo de "enxamagem" como o define Roche (1969), foram sendo criadas *Colônias Filhas*, no próprio Rio Grande do Sul, assim como em Santa Catarina e Paraná. Em outra direção, estenderam suas ramificações familiares para a Argentina e Paraguai.

Para que se entenda seu sistema de parentesco e a relação entre ele e a memória, é preciso conhecer suas categorias culturais. Tal como Oestor (1982) e Madan (1982), enfatizo idéias que constroem o parentesco e que expressam um componente nativo importante da concepção de descendência; busco fundir uma visão "de dentro" (idéias significados) com a visão "de

**Anuário Antropológico/92**
**Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994**

fora" (comportamento, regras, regularidades). Segundo Madan, a Antropologia é a compreensão nascida da tensão que resulta do encontro entre essas perspectivas. Ele se aproxima, neste particular, de Geertz (1977), para quem a Antropologia consiste no relacionamento dos *experience near* com os *experience distant concepts*.

Essas categorias são instrumentos da memória e ao mesmo tempo produtos dela. Para esses colonos, o parentesco é construído por uma memória seletiva: o que deve ser retido e o que deve ser esquecido, a depender do valor que representa para os agentes a cada geração. Podemos, por outro lado, distinguir a memória *de*, que situa o retido do passado no passado, da memória *para*, que projeta o passado no presente.

Além da memória individual, operam dois planos da memória coletiva: aquele que se resume ao âmbito de uma "família" (no sentido extenso da palavra), quer dizer, aquilo que a tradição familiar replica de geração em geração, e aquele do grupo como um todo, parte do acervo dos que, na região, se pensam como teuto-brasileiros. Tanto o acervo familiar, quanto o acervo de grupo, contribuem para a construção do que Bourdieu (1980) define como o *habitus* pelo qual se faz a reprodução social. A memória social do grupo constitui-se num potencial que, na medida em que é acionado, substancializa-se em "matéria-prima" com a qual são construídas e atualizadas as práticas de parentesco. Essas últimas, por sua vez, são as responsáveis pela seletividade da memória: o que dela será acionado, tendo em vista as circunstâncias.

Pretendo privilegiar, pois, a relação entre a construção cultural de categorias e a construção social da memória, atingindo uma dimensão do parentesco que se opõe à perspectiva estrutural, na medida em que enfatizo relações *pensadas*, enquanto as teorias antropológicas geralmente se ocupam das estruturas resultantes de regras formais.

A categoria central a ser considerada, para os propósitos deste artigo, é a de *árvore*. É a categoria mais importante, seja quanto à profundidade histórica da "família", seja quanto à quantidade de pessoas nela incluída.

O parentesco concebido como *árvore*, não é um fenômeno único dos teuto-brasileiros. Zonabend (1980), em seu estudo sobre os camponeses de Minot (França), destacou que eles, quando falam da família, isto é, quando *parlent famille*, designam a genealogia sob a forma de uma árvore. A terminologia que situa a família, entendida como uma descendência, é composta

de termos referentes à árvore, tais como tronco ou cepa (*souche*), ramo (*branche* ou *rameau*), e outros. São termos particularmente evocativos para esses camponeses.

Na ideologia de parentesco erudita (Goody 1986), a imagem da árvore, fundada pelo pensamento cristão medieval, é igualmente central, como o indica a "árvore da consangüinidade", indicativa dos graus de parentesco, segundo o direito canônico. Outra modalidade de árvore de parentesco desse tipo é a germânica, que, tal como a anterior, está relacionada à concepção erudita de parentesco.

A cultura dos colonos teuto-brasileiros concebe a família em diversos sentidos: como um grupo doméstico; como uma unidade constituída pelo casamento e pelos filhos dele decorrentes; como uma unidade colonial (o grupo doméstico mais as terras que trabalha); e, em sentido mais amplo, como uma descendência.

É neste último sentido que a família é percebida como uma árvore. Essa árvore tem raízes, tronco(s), ramos, flores e frutos ou sementes[1]. Na língua alemã, ainda utilizada principalmente pelos colonos mais velhos, tal árvore se chama *Stammbaum* (*Stamm* = tronco; *Baum* = árvore); seria, portanto, uma árvore-tronco, em tradução literal. A ênfase está no tronco, envolvendo um forte viés patrilateral, apesar de também se incluir na árvore seus "ramos". Embora a árvore seja um conjunto, privilegia-se o tronco, que constitui como que seu cerne.

Devo notar que o modelo dos colonos se afasta do significado atual de "árvore genealógica", elaborada por esforço próprio ou por genealogistas profissionais para descendentes de colonos urbanizados e, sobretudo, enriquecidos. Tal como em outras áreas de imigração na América, Austrália e Nova Zelândia, para estes descendentes de alemães, trata-se da reconstrução das origens germânicas com a busca de laços nobiliárquicos, eventuais brasões[2] etc., num esforço de "invenção de tradição", para utilizar a ex-

1. Ao contrário da botânica, as flores, termo que designa as mulheres, nunca se tornam frutos ou sementes, ainda que os reproduzam. Os termos frutos e sementes só se aplicam aos homens.
2. Casas camponesas, na Alemanha como também na França, possuíam uma espécie de emblema que encimava a porta principal, e que se mantinha, juntamente com o *nom de terre*, mesmo que a casa passasse para outra família. Tais emblemas podem ser, com algum artifício, tornados brasões enobrecedores.

pressão de Hobsbawn & Ranger (1984). O objetivo dessa elite é, em larga medida, legitimar uma nova situação de classe, de "novos ricos", através de uma antiga situação de status presumido.

Existem diferenças significativas entre a genealogia — vale dizer, a memória — dos novos-ricos urbanos e a dos colonos. A árvore dos genealogistas, tal como as árvores da nobreza, situa os antepassados mais remotos nas pontas dos galhos mais altos, localizando-se o interessado na extremidade inferior, como o resultado do encontro de dois troncos. Trata-se, poder-se-ia dizer, de uma concepção "individualista" da árvore, construída em função de um Ego.

Em contrapartida, a *árvore* construída pela memória dos colonos nunca é desenhada. Enquanto aquela dos novos-ricos constitui um emblema de prestígio, a dos colonos é uma categoria de discurso e um princípio organizatório. Embora ambas sejam expressão da memória, esta opera significados distintos nos dois casos. Contrariamente à árvore dos genealogistas, a dos colonos situa os parentes de hoje nas pontas dos galhos, como frutos, sementes ou flores e seus pais nos ramos pertencentes a troncos geograficamente localizados, muitas vezes, em *picadas* (bairros rurais) diferentes, mas originados das mesmas raízes. Portanto a *árvore* dos colonos aproxima-se, se levada em conta a sua "morfologia", de um rizoma, em processo de reprodução constante.

Outra diferença é que na árvore dos genealogistas constam sempre um "tronco paterno" e um "tronco materno", ressaltando o caráter cognático do parentesco urbano, em conexão com a concepção erudita de parentesco. Na *árvore* dos colonos constam casais, mas a referência é apenas patrilinear, isto é, a árvore só continua (para baixo) através do membro masculino do casal. Lembro outra vez que se trata de árvores faladas, lembradas oralmente, mas não expressas graficamente.

A memória dos membros da elite local é também um processo ideológico. Sua construção, como disse, é encomendada a ou orientada por genealogistas profissionais e difere daquela dos colonos ainda de outra forma: ela redescobre a Alemanha e dela extrai um herói particularizado, o herói de uma família específica. Ela é escrita, formando livretos cujo conjunto se soma a "histórias da colonização alemã", isto é, do processo imigratório em geral desde o ponto de vista dos descendentes atuais dos imigrantes, onde o herói é a cultura germânica, responsável pelo progresso. Os descendentes dos sujeitos da imigração-colonização são os sujeitos da história-memória

daquela imigração, que vem a constituir uma "etnohistória" do grupo como um todo.

As árvores urbanas, emolduradas e muitas vezes expostas na parede da sala de visitas, representam algo que se aproxima a um culto da germanidade, valorizando os ascendentes alemães e "esquecendo" (omitindo) a condição camponesa dos ascendentes brasileiros. Sofrem de amnésia, porém no sentido oposto ao dos colonos; enquanto a memória dos urbanizados suprime parte da trajetória brasileira, a dos colonos deleta a Alemanha. A memória dos colonos reteve o episódio do quase naufrágio de um grupo, salvo pela intervenção de São Miguel, motivo pelo qual se festeja até hoje a sua data em Dois Irmãos, município que se originou de uma Colônia Mãe. Ao contrário desse evento, não se reteve na memória outro naufrágio que obrigou a permanência dos sobreviventes por dois anos na Inglaterra. Enquanto o primeiro acontecimento foi sacralizado e ritualizado, numa relação entre religião e memória, o segundo foi apagado. No primeiro caso, o naufrágio ocorreu após a saída da Alemanha, e se inscreve na odisséia dos colonos, no período heróico de enfrentamento com a natureza. O segundo caso, ao contrário, implicou um retorno à Europa e um reinício sem incidentes "heroicizáveis" ou "memorizáveis".

A memória faz a descendência, e a descendência faz a memória. Os descendentes urbanos orgulhosamente mencionam ou exibem, sempre que possível, o referido brasão, ou então alguma peça simbolicamente importante para o indivíduo e sua família, desde que não relacionada aos universos camponeses europeu e brasileiro. É o caso, por exemplo, do sabre recebido pelo imigrante Anton Kieling, ex-oficial de Napoleão Bonaparte, por serviços prestados na guerra. Ou da carta enviada por Goethe à Imperatriz Leopoldina, solicitando o favorecimento à família Mentz, que recebeu o lote número 1 da antiga colônia da Costa da Serra, hoje Novo Hamburgo.

Já os colonos, sempre que possível, mencionam ou exibem peças que simbolicamente lhes são importantes, mas que sempre fazem referência a antepassados no Brasil. Via de regra, elas pertencem ao universo masculino, como a lança feita com ponta de baioneta da família Spindler, única arma destinada pelo exército brasileiro ao ancestral para a luta na guerra do Paraguai; os arreios de prata da família Mueller, usados pela primeira vez quando do casamento do filho mais velho do antepassado mais ilustre da família; ou a Bíblia na qual cada pai, da descendência Winck no Brasil,

inscreve os seus filhos nascidos, os cônjuges incorporados à família pelo casamento, bem como os óbitos nela ocorridos.

No universo feminino, possivelmente devido ao viés patrilinear do grupo e à virilocalidade, são raras as peças simbolicamente evocadas pela memória familiar; eventualmente alguma jóia de pouco valor ou peça de cerâmica ou porcelana. Não identifiquei, por exemplo, nada análogo às famosas colheres grandes de alpaca ou prata encontradas no campesinato escandinavo em que sucessivamente se inscrevia o nome e a data de casamento de cada nova *husfrue* (dona-de-casa) da casa camponesa. Nesse caso, apesar do viés patrilinear, identifica-se o objeto com a permanência da casa através, também, da sucessão feminina. Partindo do conceito de "estojo de identidade", de Goffman (1975), cujo referencial o autor, via de regra, associa a uma pessoa, poder-se-ia pensar tanto os objetos dos urbanos quanto os dos colonos, como "estojos de memória" familiar, ou melhor, da *árvore*, que, seletivamente buscados no passado, constroem também seletivamente o presente.

Vários membros da "nova burguesia" recentemente urbanizada organizam grandes festas familiares para as quais são convidados centenas de parentes dispersos pelo país, e mesmo fora dele. As festas homenageiam um "patriarca", o herói civilizador já referido, imigrado da Alemanha. A primeira delas se realiza sempre que possível na "casa" ancestral", localizada numa colônia. As seguintes podem se realizar em outras localidades em que se encontram representantes (sempre bem sucedidos) da *árvore*. Se a *árvore* dos colonos tem um viés patrilinear, tais festas, organizadas por descendentes urbanos para os quais a *árvore* é cognática, como foi dito, supõem a reunião *von uns're ganze Sippschaft*, "de toda nossa parentagem", isto é, de toda a parentela, incluíndo parentes consanguíneos e afins, ou de filiação complementar. Vale lembrar que a categoria *Sippschaft* compreende um referencial de parentesco mais amplo que o de *Stammbaum*; ao contrário desta, que possui limites claramente definidos, é mais difusa. *Sippschaft* inclui laços de parentesco por afinidade e até mesmo por adoção, não reconhecida na *árvore* dos colonos. As festas que se seguem à primeira, sempre evocam aquela *Casa Mãe*, simbólica e cronologicamente fundante da parte brasileira da árvore, embora seus ramos menos "ilustres" sejam ignorados.

Parece haver aqui uma contradição face ao "esquecimento" da origem camponesa. Mas essas festas marcam o contraste com a condição camponesa anterior, enfatizando a ascensão social e econômica de seus descendentes.

Industriais e comerciantes bem sucedidos, padres e pastores e até professores, tornam-se os atores principais, seja como estimuladores desse tipo de evento, seja como representantes de ramos que deram certo. Nesse caso, dentre os ancestrais elege-se o patriarca, aquele que, pela capacidade de luta no passado, foi o responsável pelo êxito de seus descendentes hoje. As gerações intermediárias permanecem num "limbo" estrutural; são como que "despersonalizadas", isto é, permanecem relegadas a coadjuvantes, a meros elos, entre os atores principais, aproximando aqueles localizados no passado aos do presente projetados como futuro. O *Stammhaus* onde se faz a festa se constitui como um "lugar de memória" (Yates 1975), uma constante presença do passado a legitimar projetos de futuro.

Esse tipo de construção ideológica, de "etnohistória", pode ser pensada como análoga à uma peça de ópera, em que o libreto possui como tema central o mito do herói civilizador do passado, sendo a música assim como os instrumentos concebidos para enaltecer os personagens centrais do presente, portadores das qualidades do personagem do passado.

Tal como na encenação de uma ópera, há também os meros coadjuvantes. Pertencendo à árvore, são importantes apenas em conjunto, tal como um coro sem importância per si, mas que serve para compor a encenação, para aumentar o número de participantes nas notícias de jornal e auto-enaltecer a família.

Mas uma peça dessas exige muita preparação, trabalho de produção, direção de instituições de pesquisa e mesmo um tipo de pesquisa de "iluminadores" que dirigem seus refletores para o passado, produzindo efeitos especiais sobre feitos tornados especiais. Aliás, vem daí a construção de uma dimensão da tradição: o destaque seletivo de pequenas frases de efeito, episódios atribuídos aos heróis civilizadores, em geral de conteúdo didático para as gerações presentes e futuras.

Outra forma de construção ideológica dessa árvore burguesa é a pesquisa de "cenógrafos", que concebem no "espaço síntese" do palco toda a força da representação da expansão territorial familiar. Parentes de longe, de outros estados do Brasil ou do exterior constituem-se em símbolos do processo de expansão exitosa da árvore, que lhe dá ainda maior visibilidade.

Complementares, porém não desprovidos de importância, são os "maquiadores" e figurinistas, auxiliares da memória familiar, sempre atentos para que os dados divulgados da performance dos atores do passado ou atuais sejam apresentados ao público de forma impecável; quaisquer "imper-

feições" — algo que deva permanecer oculto no passado — dos personagens são por eles "corrigidas" para que o passado seja como deve ser. Isto é, converte-se o passado aos valores e necessidades ideológicas do presente.

Porém, nem sempre é possível esconder fatos do passado que constituem embaraço para familiares no presente, mas é possível maquiá-los. Exemplo desse tipo de maquiagem etno-histórica encontra-se na forma como o suicídio, pecado capital da ancestral de um sacerdote católico, é por ele relatado nas crônicas familiares. Sendo inevitável a emergência pública do fato, atribuiu-se o suicídio da ancestral a um momentâneo desequilíbrio mental.

Psicologizado, o fato foi devidamente limitado à esfera individual através de um discurso "moderno". Para o bem da família atual, foi omitida, nesta memória escrita, a fala dos bastidores, que atribui a depressão da ancestral ao resultado da agudização de um constante conflito sogra-nora, portanto localizado na estrutura e comum nas *casas* camponesas. Limitando-se o fato ao indivíduo, evitam-se eventuais acusações intrafamiliares que poderiam ameaçar a unidade e identidade da árvore e mantém-se irretocável a sua imagem frente ao público, a outras árvores. Ademais, eliminam-se da memória desagradáveis componentes estruturais da situação passada, não muito edificantes para quem deseja edificar uma memória "exemplar".

Um dos elementos centrais dessas grandes festas familiares, cujas várias dimensões simbólicas não podem ser aqui analisadas — como a visita ao túmulo do ancestral e ritos de comensalidade — é o estabelecimento de um "pool" de levantamentos genealógicos referentes às origens européias, publicados ou não. Algumas famílias possuem inclusive um periódico que veicula tais levantamentos e eventos, como o da família Sueffert, ou até mesmo constituem pequenos "fundos de financiamento" (em dólares) para custear pesquisas genealógicas no exterior, como a família Dienner, ou subvencionar a participação de parentes distantes nas festas.

Tais festas não apenas evocam um tempo mas também criam um espaço: Sta. Catarina, Paraná, Paraguai etc. não existem de per si, mas porque lá existem ramos da árvore. São palcos de realização da árvore. O primo paraguaio ou argentino não é pensado como um estrangeiro, mas como um parente.

Para os colonos, o *Stammbaum* é parte fundamental da organização social e, particularmente, dos padrões matrimoniais. Enquanto os genealo-

gistas, a serviço da nova burguesia urbana, se esforçam na busca da Alemanha, isto é, de relações "enobrecedoras", os colonos concentram sua memória no Brasil. Para eles, o que existia antes da imigração é esquecido[3]. A percepção da origem da família implica pois, em referenciais de começo da árvore distintos: os colonos a pensam como se ela tivesse se iniciado após a imigração. Ela foi plantada no Brasil por um imigrante, por uma *semente* alemã, ao passo que a nova burguesia projeta as origens da sua árvore para tempos germânicos. As duas memórias operam, pois, com espaços-tempos distintos e opostos: o que uma lembra a outra esquece.

Para os burgueses a memória opera às avessas. Se de um modo geral a memória consiste em trazer o passado para o presente, nesse caso projeta-se o presente no passado, quer dizer, substitui-se a imagem de fome, perseguições políticas e religiosas da Alemanha do século XIX, fatos que levaram à emigração, pela imagem "esteticamente correta" de prosperidade da Alemanha atual. Burgueses prósperos como que imprimem a sua prosperidade de hoje por sobre seus antepassados.

Em oposição aos burgueses, entre os colonos opera uma memória que se aproxima da noção de nostalgia de Lowenthal (1990). Percebem o passado com tempos distintos: o tempo heróico "dos bem velhos" é um tempo de luta e dificuldades de adaptação. A esse período da memória seguiu-se o "tempo dos velhos", em que as famílias são pensadas como tendo-se tornado grandes e fortes, social e economicamente. A expressão simbólica e material dessa construção da memória encontra-se na *Stammhaus*, isto é, a grande casa-tronco enquanto edificação de onde partiram os ramos da árvo-

---

3. Em recente levantamento realizado na Colônia Uvá (GO) e em Teófilo Ottoni (MG) constatei uma "amnésia" semelhante, no que se refere à Alemanha, entre imigrantes chegados ao Brasil em 1922 e 1924. Alegaram que "não lembram". Uma mulher, chegada aos 11 anos com seus pais, tio e um irmão, disse:

— "Vim para cá com 11 anos. Foi a liberdade, tirar a roupa pesada, andar de pés descalços, brincar na água, no mato [...] Lembrar da Alemanha, para quê? Dos tempos difíceis, em que minha mãe tinha que dividir um ovo entre nós crianças? Não, o que foi, deixa lá. É melhor esquecer."

— "E os parentes na Alemanha, não tem mais notícias deles?"

— "Enquanto meus avós ainda viviam, era carta para lá e para cá, todo ano. Depois foi esfriando, esfriando. Veio a guerra. Nossos parentes, mesmo, agora são esses do meu tio. Até nisso começamos de novo e olha como a família cresceu. Tem dos nossos em Belém e até em Rondônia."

re que se estenderam por sobre novas fronteiras. Era um tempo em que as festas, os *Kerb* rurais, congregavam a todos, celebrando uma "enxamagem" positiva inclusive para a reprodução social dos que ficaram na colônia de origem (Woortmann *1988*).

Em contraposição, o presente é percebido também como um tempo de emigração, porém em sentido perverso, visto que o modelo de reprodução social camponesa está inviabilizado. Resta continuar na decadente *casa* original, submetendo as *flores* e *sementes* a uma eventual proletarização nas unidades fabris. A memória dos colonos é construída na nostalgia da prosperidade do passado, que se opõe às suas condições adversas atuais.

A *árvore* como um todo corresponde ao conceito mais amplo de família, isto é, à unidade maior de identidade alicerçada nos laços de parentesco. Supõe todos os descendentes de um casal de imigrantes no Brasil. Contudo, mesmo que todos os descendentes sejam considerados parentes, são privilegiados os descendentes do sexo masculino, o que se reflete e é expresso no uso do nome como classificador social (Woortmann 1988). As mulheres são vinculadas à *árvore* através do pai, e não por si mesmas. Ao contrário dos homens, que são percebidos como membros natos, elas formam um contingente que *está* na família do pai, e que passará para a do marido, mas não passará a *ser* dela. Essa condição feminina se relaciona estreitamente ao padrão residencial e ao modelo da *Stammhaus*.

A *árvore* dos colonos, como já foi dito, difere daquela dos descendentes urbanos aburguesados.

A memória dos colonos elimina a Alemanha de sua temporalidade: o mundo começa com o desbravamento da floresta ameaçadora e com o enfrentamento com feras e índios. Antes da chegada dos colonos havia apenas a natureza, que incluía os indígenas da área. A presença dos indígenas se reflete, por exemplo, no nome de uma das localidades estudadas, Morro dos Bugres, bem como em muitos casos que fazem parte da tradição oral, de raptos, ataques, ameaças etc. Tal como observado por José Vicente Tavares (observação verbal, 1992) entre colonos italianos e por mim no Nordeste (Woortmann 1988), predominava a idéia de um vazio social. A memória também ignora, ou minimiza, a presença de posseiros, ou mesmo de alguns grandes latifúndios, como a fazenda dos Leão (de origem açoriana), rebatizada como Leonerhof, palco do massacre dos Mucker.

A *árvore* é uma forma de pensar o tempo — um tempo genealógico, poder-se-ia dizer. Os membros mais antigos, localizados num tempo histórico-mítico, constituem a *raiz* da *árvore*. São os imigrantes alemães — *die Vorfahren* (os antepassados) — os heróis fundadores; aqueles que, em condições adversas, enfrentaram a mata, as feras e os "bugres", instauraram a agricultura e, com ela, o progresso, como se pode ler na farta literatura local. São os heróis civilizadores que vieram de um outro mundo (a Alemanha), representando a cultura e impondo-a sobre a natureza hostil e sobre o atraso. Esses antepassados são pensados como os doadores de um saber trazido da Alemanha — o mundo da cultura — e como recriadores do saber, ou seja, os criadores do saber teuto-brasileiro. Ninguém se preocupa, contudo, em saber quem eram os antepassados alemães daqueles fundadores.

A memória do parentesco envolve, como vimos, uma "amnésia" com referência ao período anterior à emigração. É como se a história começasse com a imigração, congelando-se o tempo anterior. No entanto descrevem com riqueza de detalhes os impactos e dificuldades de instalação dos antepassados, da chegada. Há, inclusive, um anedotário relativo a esse momento. Esses antepassados são pensados como estando "embaixo da terra". Isto não significa, simplesmente, que estejam enterrados, porque mortos. Estão embaixo da terra, também, porque são a *raiz* da *árvore*, porque são a base de uma descendência que se define a partir deles. São também, considerando-se o conjunto de *árvores,* a base, a raíz de toda a cultura teuto-brasileira, que se opõe ao que é "luso".

É muito significativo que no período inicial da colonização, quando não havia cemitérios delimitados (estes foram, em sua maioria, organizados a partir de meados do século XIX, por imposição das igrejas), os fundadores tivessem sido enterrados no espaço das terras das famílias, ao pé de uma árvore frondosa por eles plantada. Eram enterrados junto à raiz dessa árvore, que simboliza a fundação do patrimônio familiar e da *Casa Mãe*, da qual brotariam no futuro "casas filhas" nas "colônias novas".

A relação simbólica entre raiz e árvore "natural" e "social" é evidente. Tais árvores, na medida em que ainda existam, constituem um marco histórico da família, isto é, da memória de parentesco; são também "lugares da memória", apontando para um "tempo estrutural" como define Evans-Pritchard (1972). A presença do antepassado na terra patrimonial evoca os *lares* ou *penates* greco-romanos; sua presença na terra familiar como que a sacraliza. Por vezes, esses fundadores são cultuados junto à sua árvore.

Muitos outros, porém, "perderam-se no tempo", pois deles não restam os túmulos onde possam ser homenageados. Na falta de uma tal materialidade, honra-se a memória da família. Essas *raízes* são então apenas parcialmente visíveis, pelos túmulos dos filhos dos imigrantes originais. Simbolicamente, a terra as encobriu, tal como o tempo encobriu os antepassados.

Das *raízes* da *árvore* emergem seus *troncos*, correspondendo, cada um deles, aos descendentes de um filho dos imigrantes. Esses filhos são denominados *die Alte* (os velhos) ou *die ganz Alte* (os bem velhos) e são pensados como sábios, fortes e empreendedores. Representam a idealização do passado heróico, opondo-se aos velhos de hoje, considerados fracos, teimosos e retrógrados.

Deve-se observar que *die Alte* não são chamados de velhos apenas por referência a um passado antigo, mas também como pessoas velhas, muito mais fortes que os velhos de hoje. Eram pessoas que trabalhavam na roça até "oitenta e tantos anos". São geralmente eles que inauguram as galerias de retratos no espaço formal — a sala — das residências dos colonos. São os consolidadores da cultura e os fundadores das *Stammhäuser*, seja como edificações, seja enquanto grupos sociais e descendências. Nesse sentido também, classifica-se um velho forte, ativo, de "*alte Knotze*" ou "*alte Schtumpe*", isto é, cepo ou toco velho, resistente.

As *Stammhäuser*, equivalentes à noção de *famille souche* na França, ou de *stem family* na Irlanda, em geral concentradas em bairros rurais específicos — as *picadas*, ou *linhas*, que constituem outro elemento de identidade — são as unidades básicas do parentesco no plano das relações sociais. São elas as detentoras do patrimônio e é entre elas que se realizam as trocas matrimoniais.

A *Stammhaus*, juntamente com seu patrimônio territorial, é como que uma "pessoa moral", determinando as práticas matrimoniais, a partir de uma.concepção patrilinear. A cada geração, ela é ocupada por uma família extensa, equivalente à *famille souche*, guardiã do patrimônio para as gerações seguintes. As casas diferenciam-se entre si não só enquanto unidades distintas de parentesco, mas também pelo status social e econômico, que depende de vários fatores: a quantidade de terra; o volume da produção; a proximidade com relação a núcleos urbanos significativos; sua localização em *picadas fortes* ou *fracas*; o número de religiosos fornecidos à Igreja, etc. Dizia um colono:

> Os Müller de Estrela são nossos parentes, sim, são do *Stamm* de Müller's Arthur. Só que nós somos fracos, e eles são fortes [...] porque têm mais terra e vendem queijo.

Ambos os Müller, tanto os *fracos* de Dois Irmãos, quanto os *fortes* de Estrela, pertencem à mesma *árvore*, mas a distintos troncos, originários da mesma raiz. Vemos aqui um complicador da noção de tronco, pois os citados Müller são do mesmo *Stamm*, mas são também troncos distintos da mesma *árvore*. Essa complicação deriva das migrações e conseqüente fundação de novas *casas*. É como se, dos vários troncos dessa árvore botanicamente heterodoxa, surgissem outros troncos. Trata-se de uma heterodoxia bastante significativa para as classificações de parentesco.

As pessoas são os *frutos*, *flores* ou as *sementes* que, pelo bom casamento, irão reproduzir a *árvore* como um todo, dando-lhe continuidade, e a cada casa em particular. São porém consideradas a parte mais frágil da *árvore*. Essa fragilidade implica a possibilidade, acentuada hoje em dia pela migração individual, de não observância dos códigos tradicionais, inclusive de casamento.

A emergência da vontade individual, em detrimento dos interesses do grupo, é percebida como perigosa e, de fato, conduz à dissolução do modelo de organização social do grupo. Ela é vista também como motivo de condutas morais negativas: "aquele é uma semente que rolou barranco abaixo", disse um colono, referindo-se a um jovem que deixou a casa dos pais, casando-se com uma "estranha" e envolvendo-se com negócios obscuros na cidade.

A cidade é o lugar, por assim dizer, da guerra de todos contra todos. Nesse plano, a concepção da *árvore*, enquanto pertencimento a um universo ordenado pelo parentesco, se opõe ao universo individualista urbano.

O termo *semente* também significa sêmen. Uma *semente forte* gera meninos, ao passo que uma *semente fraca* gera meninas. Em outro sentido, o homem jovem tem uma *semente* mais forte que a de um homem de idade mais avançada. Há uma relação ambígua entre essa concepção e o padrão sucessório, caracterizado pela ultimogenitura. O herdeiro é o responsável pela continuidade da casa; no entanto, foi gerado por uma *semente* não tão forte quanto aquela que gerou o primogênito. Este, por ser produto de *semente* mais forte, era pensado como mais indicado para fundar nova casa em áreas de fronteira. O ultimogênito, todavia, é legitimado através da idéia

de que foi gerado por um pai "ainda forte". Ademais, é um homem, portanto saído de uma *semente* mais forte que suas irmãs. Trata-se, é claro, de um jogo ideológico, pois um mesmo homem não irá gerar uma seqüência de filhos enquanto jovem e, depois, uma seqüência de filhas, quando mais velho.

O depoimento que se segue nos leva a outra categoria: o *Keim*.

> Todos os Klein são parentes, mas nem todos prestam. O tronco dos de Mundo Novo não presta. Tem um *Keim* ruim desde o início: o velho Klein's Balduin saiu daqui porque pegaram ele roubando na balança. Aí ele não pôde mais ficar aqui. Os filhos dele, e hoje os netos, eu soube, são como ele. É um tronco podre, e tronco podre, já sabe: se corta para não apodrecer a parte boa.

A família do colono que disse a frase acima, isto é, o *Stamm* Klein de Dois Irmãos, rompeu com aqueles migrados para Mundo Novo há cerca de 60 anos.

A constituição de um novo tronco, portanto, nem sempre é livre de tensões e conflitos. Pelo contrário, ela pode expressar a tensão de uma nova casa-tronco fundada num novo lugar sob o estigma de um *Keim* ruim.

Um homem que só gera filhas, ou predominantemente filhas, é um homem que possui, não apenas uma *semente* fraca, mas um *Keim* fraco, e temos aqui outra categoria relacionada ao parentesco e à memória.

A *árvore* possui como que uma seiva, transmitida de geração a geração, da *raiz* aos *ramos* mais novos. É desta seiva que resulta o *Keim* de alguém, herdado de seus antepassados. Ele pode ser interpretado como um princípio vital, através do qual se transmitem as características e potencialidades das gerações anteriores.

*Keim* é uma noção que antecede outras relações que engendram o casamento e vincula-se a uma concepção nativa de descendência. Classifica pessoas e famílias a partir da pergunta: *Von wem bist Du?* (de quem tu és?), mais do que *Wer bist Du?* (quem tu és?).

Dados os parâmetros étnicos e religiosos que limitam as possibilidades matrimoniais, o princípio do *Keim* norteia a definição de casáveis e não casáveis, não no sentido levistraussiano de prescrições e proscrições formais, mas no sentido de desejável ou indesejável.

A palavra *Keim* é definida como significando "princípio germinativo", origem. Ele é transmitido hereditariamente; diz-se que está oculto no sangue: *Er steckt im Blut*, podendo implicar tanto características físicas como morais. Equivale a uma espécie de carga genética que opera na constituição de relações sociais, inclusive como critério norteador de escolhas matrimoniais. Importa saber quem eram os ascendentes do noivo ou noiva, isto é, os futuros afins, que serão consangüíneos dos filhos do novo casal. Para isso, a memória genealógica é acionada até a *raiz*, porém, novamente, sem remeter à Europa.

Essa memória é importante para a escolha de cônjuges, pois permite saber se entre os ascendentes houve manifestações de um *Keim* ruim. No caso de casamentos entre colônias distintas, muito freqüentes, torna-se fundamental o papel do "casamenteiro", o *matchmaker*, na medida em que ele é conhecedor das *árvores* das duas famílias, até quatro ou cinco gerações passadas.

A memória relativa ao *Keim* revela também que o casamento não é apenas uma questão de escolha individual e expressa a tendência endogâmica do grupo, pois é preciso conhecer a história genealógica de cada pessoa. Não podendo ser aplicado a estranhos, estes são evitados como parceiros matrimoniais.

A endogamia, portanto, é resultado de princípios que explicam tanto as escolhas feitas como as não feitas, revelando a preocupação com a continuidade da *árvore* e da *casa*, e o *Keim* é um desses princípios. A memória do "especialista" em genealogia, o casamenteiro e os velhos das diversas localidades é fundamental para uma reprodução social adequada.

Se cabe ao homem dar continuidade ao *tronco* e à *árvore*, cabe à mulher reproduzir a *semente* e o *tronco* do marido, especialmente no que diz respeito aos filhos homens. No entanto, para que a boa *semente* possa frutificar, é fundamental que ela seja colocada "em terra boa", isto é, a família da mulher deve ser igualmente boa.

O significado de esposa é fundamentalmente o de mãe, elemento necessário para a reprodução da *Stammhaus* do marido, e de sua *árvore* como um todo. Como diz o ditado local: "Não se deve perguntar se gostarias ou não de ter alguém como esposa, mas sim se gostarias ou não de tê-la na tua família, como mãe de teus filhos".

Se a *árvore* constitui uma orientação genealógica, o *Keim*, a seiva da *árvore*, é um princípio básico para a escolha do cônjuge e, portanto, para o estabelecimento de alianças dentro do quadro estabelecido pelos padrões estruturais. O conceito de *Keim* é, então, um princípio que organiza a *árvore*.

O *Keim* bom representa o encontro do "como se deve ser" com o "como se é", dentro de uma perspectiva camponesa. Expressa a proximidade entre o ideal e o real; a realização exitosa das expectativas que o grupo possui acerca de determinadas famílias, através do controle social contínuo sobre seus membros. Raramente, porém, há referência explícita ao *Keim* bom. No discurso dos informantes, a noção de *Keim* só surgia com referência a alguém portador ou transmissor de *Keim* ruim.

As qualidades que expressam um *Keim* bom são, para o homem: diligência, capacidade de organização da unidade produtiva, força física, prudência e iniciativa, cumprimento da palavra empenhada, senso de justiça, ausência de vícios (bebida, jogo e mulheres), obediência às regras de reciprocidade, conformidade aos princípios de hierarquia (respeito e obediência ao pai e aos representantes da Igreja) e solidariedade para com os parentes e vizinhos.

O *Keim* bom para a mulher inclui essas mesmas qualidades, além de outras que dizem respeito ao seu papel na reprodução social e biológica da família, pois ela deve ter virtudes morais e ser também uma boa "parideira". No que se refere às qualidades morais, como a parcimônia, o ditado que se segue — e que se repete em diversas partes da Europa com variações locais, como mostra o estudo de Segalen (1983) — é bastante expressivo:

> O homem pode trazer de carreta tudo para casa pela porta da frente que não adianta. Eles nunca chegarão a nada, se ela, pela porta dos fundos, com o avental, jogar tudo fora.

A capacidade física e a diligência no trabalho são indicadores de um *Keim* bom, assim como a higiene e capacidade de organizar seus próprios recursos e de reproduzi-los. Apesar de sua subordinação ao marido, a mulher deve ter iniciativa e evidenciar capacidade de gerar novos e mais recursos em seu próprio domínio de atividades, de maneira a destinar parte destes às despesas da casa e ao enxoval das filhas. Critérios como beleza,

inteligência, elegância etc. são secundários ou mesmo irrelevantes. Aliás, a beleza feminina é muitas vezes vista negativamente, seja pelo seu conteúdo narcisista, que pode implicar em maiores gastos à família do marido, seja pelo perigo de negligenciar as tarefas que dela se espera.

A percepção do *Keim* da mulher não implica apenas a sua individualidade, mas também os perigos relativos à continuidade da *árvore* e da *casa* do marido. Em vista disso, a escolha da cônjuge está longe de ser um ato de seleção individual; constitui um *affaire de famille* e é esta que irá decidir se um novo membro poderá ou não ser aceito. Há casos de ruptura com a família, envolvendo o casamento com alguém de *Keim* ruim. A opção individual também implica responsabilidade individual, em oposição à escolha construída pela família, que supõe uma responsabilidade coletiva. O filho que age "individualmente" não contará com o apoio da família, quando se manifestarem as conseqüências de sua rebeldia.

A noção de *Keim* pode ser vista, então, como uma "teoria da descendência" nativa, uma "teoria bilineal", pois ele é transmitido tanto pela linha paterna como pela materna, enquanto que as noções de *árvore* e de *casa* enfatizam a agnação. Seguramente, a noção de *Keim* põe em relevo a preocupação com a descendência, da qual dependerá o futuro da *Stammhaus* e de seu patrimônio.

O *Keim* pode ser, como vimos, forte ou fraco. Os "antigos" possuíam um *Keim* forte, em contraposição às gerações atuais. Há também uma dimensão étnica: os teuto-brasileiros possuem um *Keim* forte, enquanto os "caboclos" ou os "lusos" possuem um *Keim* mais fraco. Classifica-se, assim, não só famílias, mas também gerações e etnias, legitimando a endogamia étnica.

Para os colonos, a perda gradativa da tradição teuto-brasileira faz com que esse *Keim* forte esteja sofrendo um processo de enfraquecimento, o que explicaria, para eles, a decadência das colônias. Essa decadência tem seu início marcado na memória pela determinação do governo Vargas de proibir o uso da língua alemã, com o fechamento das escolas e dos jornais da colônia. Mesmo famílias de *Keim* bom são hoje mais fracas, quando comparadas com seus antepassados. Também a diminuição do número de filhos, muito acentuada, quando se compara a geração atual com a dos "antigos", seria um indicador desse enfraquecimento. Não deixa de haver aqui um paradoxo, pois, se o *Keim* é "genético", ele foi enfraquecido por uma causalidade sócio-cultural.

Se o *Keim* "está no sangue", ele, no entanto, não se confunde com o sangue, em seu sentido material. Ele *está* no sangue, mas não *é* o sangue. Mesmo que não se confunda com sangue, é uma noção análoga à de "sangue ruim" ou "sangue bom", de outras regiões do Brasil, como o Nordeste. Estando no sangue, ele traz o passado para o presente, por sua transmissão hereditária. A "seiva" da árvore é como que uma "memória genética", razão pela qual a memória genealógica dos velhos e dos casamenteiros se torna crucial para a reprodução social.

Condição social e práticas matrimoniais são em boa medida o resultado do "trabalho da memória" (Godoi 1987). Se a memória é a presença do passado, ela trabalha tanto lembrando como esquecendo, como trabalham as falas tanto pela voz como pelo silêncio, pois a "amnésia" é também uma construção da tradição.

A memória dos colonos se substancializa nas falas e em certos ícones, como as fotografias de família, certos documentos e nos objetos já referidos. Mas, é preciso distinguir uma "memória pública", em sentido análogo ao de discurso público, de outra, privada. Há uma seletividade na evocação de fatos ou eventos positivos e negativos. Enquanto os primeiros são transmitidos didaticamente às crianças de cada geração como meio de formação de um *habitus*, os segundos são sussurados ao pé do ouvido de adulto para adulto "confiável", também com sentido didático. Enquanto a memória pública lança luz sobre como se deve ser, a memória privada, quase secreta, como que lança penumbra sobre o que não deve se repetir.

O parentesco, portanto, se relaciona à memoria de diversas maneiras, mas poder-se-ia dizer que, na medida da ênfase posta na descendência — e a aliança se destina a assegurar a descendência, a *casa* e a *árvore* — o parentesco *é* memória.

## BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, P. 1980. *Le Sens Pratique*. Paris: Éditions Minuit.

EVANS-PRITCHARD, E.E. 1972. *The Nuer*. Oxford e New York: Oxford University Press.

GEERTZ, C. 1977. "From the Native's Point of View: on the Nature of Anthropological Understanding". In *Symbolic Anthropology* (J.L. Dolgin, D.S. Kemnitzer & D.M. Schneider, eds.). New York: Columbia University Press.

GODOI, E.P. 1987. *Le Travail de la Mémoire*. Dissertation de D.E.A. Paris: École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

GOFFMANN, E. 1975. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

GOODY, J. 1986. *The Development of the Family and Marriage in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

HOBSBAWN, E. & T. RANGER (orgs.). 1984. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LOWENTHAL, R. 1990. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press.

MADAN, T.N. 1982. "The Ideology of the Householder among the Kashmir Pundits". In *Concepts of the Person* (A. Oestor *et alii*). Cambridge: Harvard University Press.

OESTOR, A. *et alii*. 1982. *Concepts of the Person*. Cambridge: Harvard University Press.

ROCHE, J. 1969. *A Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo.

SEGALEN, M. 1983. *Love and Power in the Peasant Family*. Oxford: Basil Blackwell.

WOORTMANN, E.F. 1988. *Colonos e Sitiantes: um Estudo do Parentesco e Reprodução Camponesa*. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília — Departamento de Antropologia.

YATES, F. 1975. *L'Art de la Mémoire*. Paris: Gallimard.

ZONABEND, F. 1980. *La Mémoire Longue*. Paris: Presses Universitaires de France.